
ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM EM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DO NORTE DO PARANÁ

Angélica Polvani Trassi (Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, Brasil)*; Katya Luciane de Oliveira (Laboratório de Avaliação Psicológica, Departamento de Psicologia e Psicanálise, Londrina -PR, Brasil).

contato: angelica.polvani@hotmail.com

Palavras-chave: Estratégias de aprendizagem. Ensino fundamental. Avaliação psicológica. As estratégias de aprendizagem são procedimentos que visam facilitar a aquisição, o armazenamento e a utilização de informação. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho foi avaliar as estratégias de aprendizagem em estudantes do 2º ao 9º ano da rede pública de ensino, além de averiguar possíveis diferenças entre os anos escolares. Para avaliar as estratégias de aprendizagem, os participantes (n=470) responderam a Escala de Avaliação das Estratégias de Aprendizagem para o Ensino Fundamental, de forma coletiva. Os resultados permitiram concluir que a amostra apresentou maior pontuação nas subescalas estratégias metacognitivas e ausência das estratégias metacognitivas, contudo, demonstrou fazer pouco uso das estratégias cognitivas. Também foi possível verificar diferenças entre os anos escolares no que diz respeito as estratégias de aprendizagem. Alunos do 3º ano utilizam mais estratégias cognitivas, ao passo que alunos do 9º fazem mais uso de estratégias metacognitivas, por sua vez, alunos do 4º e 6º anos demonstram utilizar menos estratégias inadequadas de estudo.

1 Introdução

De acordo com Pozo (2002), o comportamento de aprender está relacionado à modificação de conhecimento e comportamentos anteriores. Almeida (2002) ressalta que a aprendizagem só será verdadeira quando o sujeito integrar os novos conhecimentos com aqueles que ele já possui, caso contrário, tem-se somente um acúmulo de informações. Portanto, a aprendizagem não deve ser vista como simples registro de informação, mas como construção de conhecimento, por isso, torna-se imprescindível que para aprender novos conteúdos, o estudante consiga entender, armazenar e evocar o conhecimento adquirido. Nesse sentido, as estratégias de aprendizagem são entendidas como fortalecedoras do processo de aprender, já que permitem ao aluno diversificar suas formas de estudo, melhorando, conseqüentemente, seu desempenho acadêmico (Oliveira, Boruchovitch & Santos, 2011).

As estratégias de aprendizagem são definidas ainda por Danserau (1985) como procedimentos que visam facilitar a aquisição, o armazenamento e a utilização de informação.

Para Weinstein e Underwood (1985) elas são necessárias ou auxiliares para uma aprendizagem efetiva, e conseqüentemente, para a retenção do conhecimento. Para Dembo (1994), as estratégias de aprendizagem podem ser divididas em cognitivas e metacognitivas. As estratégias cognitivas possibilitam ao aluno aprender, lembrar e entender certo conteúdo, favorecendo assim o armazenamento mais eficiente das informações. Elas podem ser divididas em: 1) ensaio (recitar uma lista e copiar um texto em sua forma literal); 2) elaboração (imagens mnemônicas, parafrasear, tomar notas, criar analogias, responder perguntas); e 3) organização (selecionar ideias principais, mapas conceituais, esquemas).

Já as estratégias metacognitivas são recursos que permitem ao aluno planejar, monitorar e regular o pensamento, os estados afetivos e os comportamentos (Dembo, 1994; Souza, 2010). Assim, enquanto as estratégias metacognitivas de planejamento ocorrem quando o aluno estabelece seus objetivos de estudo, as estratégias de monitoramento se dão quando o estudante supervisiona sua compreensão de determinado assunto e, por fim, as estratégias de regulação da aprendizagem estão presentes quando há um acompanhamento por parte do próprio indivíduo quanto a seu desempenho, verificando se suas estratégias de estudos são ou não eficazes (Boruchovitch & Santos, 2006; Dembo, 1994).

Dentre as estratégias de aprendizagem mais conhecidas estão a utilização de leitura, resumos, revisão, mapas e esquemas conceituais, sublinhar e relacionar as novas informações adquiridas com aquelas anteriormente aprendidas (Oliveira, Boruchovitch & Santos, 2011). Contudo, Pozo (1996) ressalta que somente o uso de tais ferramentas não pode se caracterizar como uso de estratégias de aprendizagem, uma vez que essas só ocorrem quando o indivíduo realizar um planejamento de quais técnicas utilizar, bem como, com um objetivo definido e por meio de um metaconhecimento, ou seja, conhecimento de seus processos psicológicos, permitindo assim o uso mais adequado e flexível dessas estratégias.

Dembo (2000) e Weinstein e Underwood (1985) alegam que aprendizes efetivos usam uma ampla variedade de estratégias efetivas, a fim de acessar o conhecimento adquirido. Contudo, Dembo (2000) afirma que a maioria dos alunos utiliza aproximadamente duas estratégias principais de aprendizagem, para diversos tipos de tarefas, sejam elas simples ou complexas. Observa ainda que, muitos estudantes acreditam que suas dificuldades escolares estejam relacionadas a deficit em alguma habilidade, todavia, os problemas escolares podem se

relacionar a falta de ferramentas necessárias que conduzem a um aprendizado mais efetivo.

Nessa direção, várias pesquisas brasileiras têm buscado estudar a relação das estratégias de aprendizagem em estudantes do ensino fundamental com diversas variáveis, tais como idade e ano escolar. Dentre os estudos destacam-se Boruchovitch (2001), Costa e Boruchovitch (2004, 2010), Cruvinei e Boruchovitch (2004), Lins, Araújo e Minervino (2011), Oliveira, Boruchovitch e Santos (2011). Estes autores encontraram uma correlação positiva entre o uso de estratégias de aprendizagem e um bom desempenho escolar em alunos desta etapa. Em contrapartida, estudantes repetentes demonstram apresentar menor uso de estratégias de aprendizagem, em comparação a não repetentes. Também observaram que estudantes dos anos escolares mais novos utilizam mais estratégias de aprendizagem do que estudantes de anos mais avançados. Contudo, o que se identificou é que nenhum destes estudos investigou as estratégias de aprendizagem ao longo de toda a etapa do ensino fundamental.

2 Objetivo

O objetivo central deste estudo é avaliar as estratégias de aprendizagem em estudantes da rede pública do ensino fundamental do norte do Paraná, bem como, averiguar possíveis diferenças entre os anos escolares.

3 Método

3.1 Participantes

Participaram da pesquisa 470 estudantes do 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental, provenientes de cinco escolas públicas de uma cidade do norte do Paraná, sendo dois colégios estaduais e três escolas municipais. Do total, 60,2% ($n=283$) eram do sexo feminino e 39,8% ($n=187$) do sexo masculino. A idade média dos alunos foi de 10,7 anos, sendo 7 anos a idade mínima e 15 anos a idade máxima.

3.2 Instrumentos

Foi utilizada a Escala de Avaliação das Estratégias de Aprendizagem para o Ensino Fundamental (EAVAP-EF) que visa avaliar as estratégias de aprendizagem (cognitivas e metacognitivas) e a ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais de crianças de 7 a 16 anos matriculados no ensino fundamental. O instrumento consta de um inventário com 31 questões, sendo os itens apresentados em uma escala *likert* de três pontos (sempre, às vezes, ou nunca) (Oliveira, Boruchovitch & Santos, 2010). A Tabela 1 abaixo apresenta alguns itens de exemplo da EAVAP-EF.

Tabela 1

Itens de exemplo da escala de Avaliação das Estratégias de Aprendizagem para o Ensino Fundamental (EAVAP-EF)

Item	Pergunta	Tipo de estratégia
1	Você costuma grifar as partes importantes do texto para aprender melhor?	Cognitiva
2	Quando você estuda, costuma perceber que não está entendendo aquilo que está estudando?	Metacognitiva
3	Você costuma estudar ou fazer o dever de casa na “última hora”?	Ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais

Fonte: Elaborado pela autora

3.3. Procedimento de coleta de dados

O projeto foi registrado e aprovado no Comitê de ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (CEP/UEL). Em seguida, os pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a pesquisa com os menores. A coleta foi feita de forma coletiva em horário agendado com as escolas participantes, e realizada na própria sala de aula ou espaço cedido pela instituição, a fim de que a pesquisa interferisse o mínimo possível na rotina escolar. Em seguida, os dados foram

organizados em planilha e submetidos à análise estatística descritiva e inferencial.

4. Resultado e Discussão

A seguir, serão apresentados os resultados e a discussão de tais dados, com base na literatura sobre o tema. A Tabela 2 apresenta a média, percentil, desvio-padrão, pontuação mínima e máxima nas subescalas da EAVAP-EF.

Tabela 2

Média, percentil, desvio-padrão, pontuação mínima e máxima nas subescalas da EAVAP-EF.

Subescalas	Média	Percentil	DP	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Ausência De Estratégias Metacognitivas Disfuncionais	15,60	45	4,94	3	36
Cognitiva	8,64	30	3,96	1	22
Metacognitiva	9,42	40	2,37	0	23
Pontuação Geral	33,64	35	7,69	13	58

Fonte: Elaborado pela autora

A Tabela 2 expõe os resultados da amostra total na EAVAP-EF. Para levantar o percentil e a classificação dos participantes, recorreu-se às Tabelas de Normas Gerais da EVAP-EF, dispostos no manual de aplicação e interpretação do instrumento. Pode-se observar que os participantes apresentaram melhor desempenho em ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais ($M=15,60$; $DP=4,94$) e em estratégias metacognitivas ($M=9,42$; $DP=2,37$), por sua vez, obtiveram um desempenho menor em estratégias cognitivas ($M=8,64$; $DP=3,96$) e em pontuação geral ($M=33,64$; $DP=7,69$). Dessa forma, pode-se inferir que os alunos utilizam mais estratégias de autorregulação de aprendizagem e fazem pouco uso de estratégias inadequadas de estudo. Por sua vez, recorrem com menor frequência a estratégias cognitivas.

Enquanto as estratégias metacognitivas envolvem planejamento, monitoramento e regulação do processo de aprendizagem por meio de definição de objetivos de estudo, monitoramento da compreensão da matéria e definição de estratégias de aprendizagem, as estratégias cognitivas possibilitam ao estudante aprender, relembrar e compreender determinada matéria, por meio de técnicas de ensaio, elaboração e organização (Boruchovitch & Santos, 2006; Dembo, 1994). Por sua vez, dentre as estratégias metacognitivas disfuncionais, estão métodos de estudo inadequados que tendem a interferir na aprendizagem, tais como alto nível de estresse e ansiedade, comer enquanto estuda, fazer tarefas enquanto vê televisão, desatenção durante a aula, dentre outras (Boruchovitch & Santos, 2004).

Tal resultado corrobora com Dembo (1994), de que os estudantes, de forma geral, utilizam poucas estratégias de aprendizagem, sendo observado nessa amostra, de maneira mais específica, pouco uso de estratégias cognitivas. Nesse sentido, outros autores (Dembo, 2000; Weintein & Underwood, 1985) afirmam que estudantes que são efetivos na sua aprendizagem são aqueles que fazem uso de um número diversificado de estratégias de aprendizagem. Tais ideias são confirmadas pelas pesquisas de Lins, Araújo e Minervino (2011), que observaram que estudantes não repentes utilizam mais estratégias de aprendizagem. Na sequência, será apresentada a tabela 3, na qual estão expostas as diferenças significativas entre os anos escolares, obtidas nas subescalas da EAVAP-EF.

Tabela 3

Media de pontuação e diferenças estatisticamente significativas entre anos escolares para estratégias cognitivas, metacognitivas e ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais

Subescalas	Ano	M	p
Estratégias Cognitivas	3º	10,37	
	4º	7,66	0,004
	5º	7,62	0,006
Estratégias metacognitivas	9º	10,10	
	3º	8,56	0,021
	4º	8,71	0,006
Ausência de Estratégias Metacognitivas disfuncionais	4º	17,61	
	7º	14,22	0,003
	8º	14,80	0,020
	9º	14,19	0,002
	6º	17,62	
	7º	14,22	0,003
	8º	14,80	0,022
	9º	14,19	0,000

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com a Tabela 3, no que se refere às Estratégias Cognitivas, foi identificado que os estudantes de 3º ano (M=10,37) obtiveram pontuação superior aos alunos do 4º (M=7,66) e 5º ano (M=7,62), indicando tendência dos primeiros a utilizarem mais estratégias cognitivas. No que diz respeito às Estratégias Metacognitivas, observou-se que alunos do 9º ano (M=10,10) tendem a utilizar mais estratégias metacognitivas do que estudantes do 3º (M=8,56) e 4º anos (M=8,71).

Por fim, quanto a subescala Ausência de Estratégias Metacognitivas Disfuncionais, foram constatadas diferenças significativas do 4º (M=17,61) e 6º anos (M=17,62) em relação ao 7º (M=14,22), 8º (M=14,80) e 9º anos (M=14,19). Dessa forma, alunos do 4º e 6º anos têm mais predisposição a não usarem estratégias metacognitivas não funcionais. Considerando $F(7,467)=4,958$, $p=0,000$, para Ausência de Estratégias Metacognitivas Disfuncionais, $F(7,467)=2,984$, $p=0,005$ para Estratégias Cognitivas e $F(7,467)=3,231$, $p=0,002$ para Estratégias Metacognitivas.

Tais dados corroboram as pesquisas de diversos estudos (Lins, Araújo & Minervino, 2011; Oliveira, Boruchovitch & Santos, 2011; Moreira, 2014) que apontaram que estudantes mais novos, no que diz respeito ao ano escolar, utilizam mais estratégias de aprendizagem. Contudo, estudantes do 9º ano também demonstram apresentar mais estratégias metacognitivas do que os anos anteriores. Dessa forma, os resultados vão ao encontro com o estudo de Sacco (2012), no que se refere à ausência de um aumento de estratégias de aprendizagem com o avanço dos anos escolares. Há uma indicação de que no início do processo de escolarização, os estudantes desenvolvem mais estratégias cognitivas, ao passo que ao final do ensino fundamental II, os alunos desenvolvem mais estratégias metacognitivas.

5. Conclusão

Esta pesquisa teve por objetivo avaliar as estratégias de aprendizagem em estudantes do 2º ao 9º ano da rede pública do norte do Paraná, bem como, identificar possíveis diferenças entre os anos escolares para essa variável. As estratégias de aprendizagem são compreendidas como ferramentas imprescindíveis para uma aprendizagem mais significativa, e contribuem para um bom desempenho escolar. Alunos mais estratégicos, além possuírem um bom autoconhecimento sobre as melhores técnicas de estudo, também conseguem monitorar de forma mais eficaz sua aprendizagem e pensar em maneiras mais adequadas de estudo.

Os resultados permitiram concluir que os estudantes da amostra investigada apresentaram maior uso de estratégias metacognitivas, ou seja, possuem uma boa percepção da sua compreensão em relação à aprendizagem e dos conteúdos estudados. Entretanto, não fazem uso diversificado de estratégias cognitivas, que tem por objetivo facilitar o aprendizado e a

compreensão de determinado conteúdo. Tais estratégias são condizentes com bom desempenho escolar e uma aprendizagem mais significativa.

O estudo ainda identificou diferenças entre os anos escolares, sendo que alunos do 9º ano tendem a utilizar mais estratégias metacognitivas, ao passo que estudantes dos anos iniciais (3º ano) utilizam mais estratégias cognitivas. Dessa forma, não parece haver um aumento de estratégias cognitivas com o decorrer dos anos escolares, entretanto, os estudantes passam a monitorar de forma mais eficaz a sua aprendizagem com o avanço escolar.

O que se verificou, contudo, é que a maioria dos estudos tem se dedicado a estudar as estratégias de aprendizagem em uma etapa da escolarização, sendo poucos aqueles que buscam avaliar esta variável em todo o ensino fundamental. Dessa forma, compreende-se a importância das pesquisas futuras estudarem as possíveis diferenças ao longo de todo o ensino fundamental.

Referências

- Almeida, L.S. (2002). Facilitar a aprendizagem: ajudar os alunos a aprender e a pensar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6, 155-165.
- Boruchovitch, E. (2001). Algumas estratégias de compreensão de leitura de alunos do ensino fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, 5, 19-25.
- Boruchovitch, E. (2004). A auto-regulação da aprendizagem e a escolarização inicial. In E. Boruchovitch & J. A. Bzuneck (Org.) *Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola* (pp.55-88). Rio de Janeiro: Vozes.
- Boruchovitch, E., & Santos, A. A. A. (2006). Estratégias de aprendizagem: conceituação e avaliação. In A. P. P. Noronha,, & F. F. Sisto (Org.). *Facetas do fazer em avaliação psicológica* (pp.10-20). São Paulo: Vetor.

Costa, E. R., Boruchovitch, E. (2004). Compreendendo relações entre estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental de Campinas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 15-24.

Cruvinei M., & Boruchovitch, E. (2004) Sintomas depressivos, estratégias de aprendizagem e rendimento escolar de alunos do ensino fundamental. *Psicologia em Estudo*, 9, 369-378.

Danserau, D. (1985). Learning strategy research. In J. Segal, S. Chipman, & R. Glaser (Org.). *Thinking and learning skills: relating instruction to research* (pp. 209-240). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

Dembo, M. H. (1994). *Applying educational psychology*. New York: Longman.

Dembo, M. H. (2000). *Motivation and learning strategies for college success: a self- management approach*. Mahwah: Lawrence Erlbaum.

Lins, M. R. C., & Araujo, M. R., & Minervino, C. A. S. M. (2011). Estratégias de aprendizagem empregadas por estudantes do ensino fundamental. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 15, 63-70.

Moreira, A. E. C. (2014). *Relações entre as estratégias de ensino do professor, com as estratégias de aprendizagem e a motivação para aprender de alunos do ensino fundamental I*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina.

Oliveira, K.L., Boruchovitch, E., & Santos, A.A.A. (2010). *Escala de Avaliação das Estratégias de Aprendizagem para o Ensino Fundamental - EAVAP-EF*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Oliveira, K.L., Boruchovitch, E., & Santos, A.A.A. (2011). Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental: análise por gênero, série escolar e idade. *Psico*, 42, 98-115.

Pozo, J. I. (1996). Estratégias de aprendizagem. In C. Coll, J. Palácios, & A. MARCHESI, (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da educação*. (pp.176-197). Porto Alegre: Artmed.

Pozo, J.I (2002). *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.

Sacco, S. G. (2012). *Um estudo sobre os hábitos e estratégias na realização da lição de casa de alunos do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas

Souza, L. F. N. I. (2010). Estratégias de aprendizagem e fatores motivacionais relacionados. *Educar*, 95-107.

Weinstein, C. E., & Underwood, V. L. (1985). Learning strategies: the how of learning. In J. Segal, S. Chipman, & R. Glaser (Org.). *Thinking and learning skills: relating instruction to research* (pp.241-258). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.